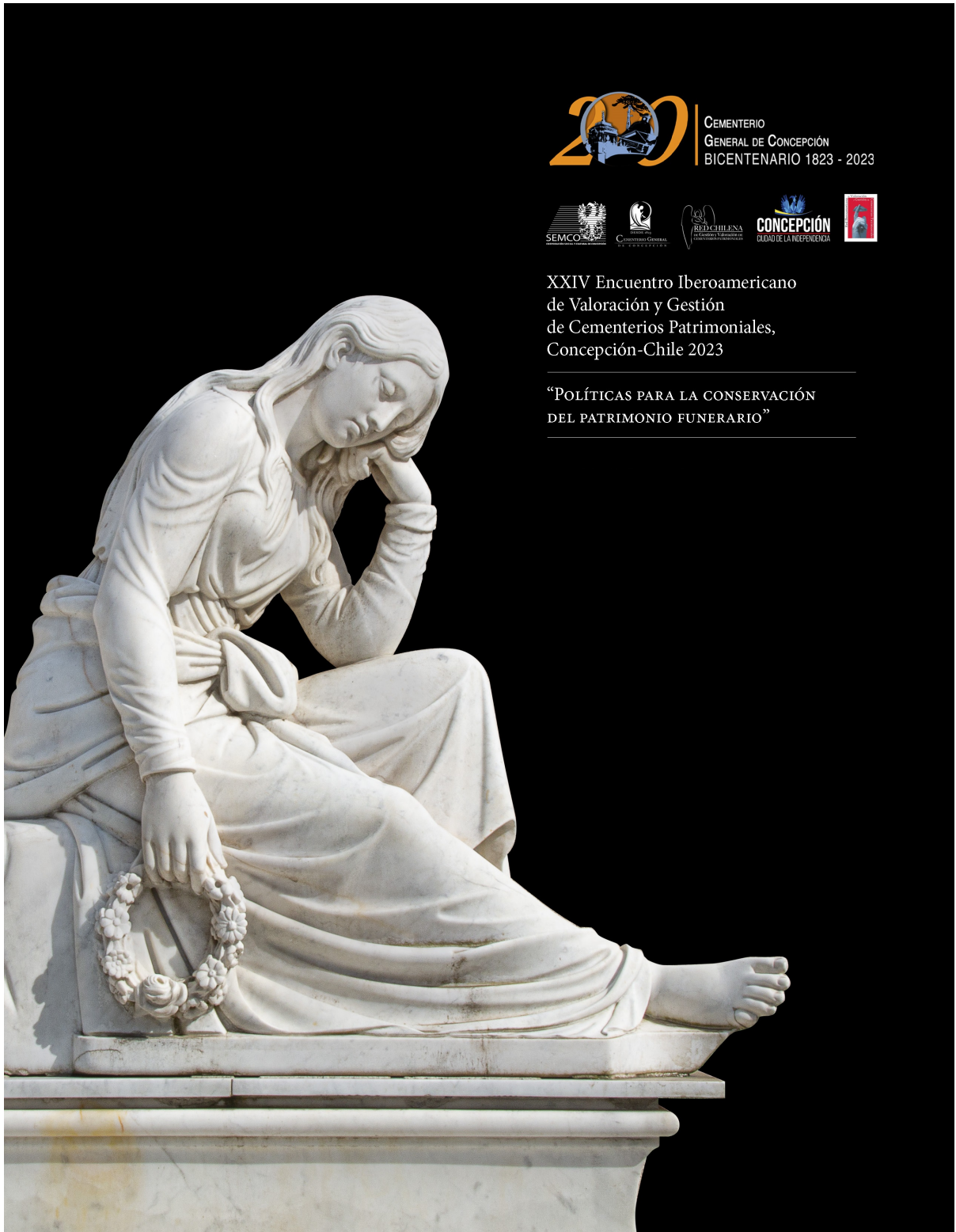




CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



XXIV Encuentro Iberoamericano
de Valoración y Gestión
de Cementerios Patrimoniales,
Concepción-Chile 2023

“POLÍTICAS PARA LA CONSERVACIÓN
DEL PATRIMONIO FUNERARIO”



CEMETERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



Onde a morte habita? a finitude da vida e suas representações na paisagem latino- americana

Rubens de Andrade¹

Diante do panorama de experiências e indagações que alinham a morte ao cotidiano, a ação propositiva do fórum transnacional Onde a morte habita? – a finitude da vida e suas representações na paisagem latino-americana visa estabelecer uma plataforma para dialogar sobre os confrontos, tensões e impactos que a finitude da vida produz na paisagem latino-americana e pensar os conceitos da paisagem em um campo ampliado, atravessado pelo espectro da morte e os estados fúnebres que ela gera no ambiente construído. O fórum é esforço coletivo de pesquisadores de seis países – Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e México – que buscam compreender as dimensões da finitude da vida em diferentes camadas do tecido urbano latino-americano. Os aportes políticos, socioculturais e ideológicos são as peças-chave para revelar como se dá a formação das paisagens fúnebres que se manifestam na cidade. A abordagem referenciada no campo epistemológico dos estudos sobre a morte e o morrer é a matéria-prima fundante para a construção de teorias, interpretação de dados e compreensão de processos relativos aos ideários sobre a finitude da vida. A premissa dessa reflexão busca apresentar as bases que formularam esse fórum, bem como expor as devolutivas oferecidas pelos pesquisadores de cada país que participaram das sessões de debates realizados.

Palavras-chave: Morte, finitude da vida, América Latina, transdisciplinaridade, cidade.

¹ Professor Associado I da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do Curso de História da Arte e Paisagismo da Escola de Belas Artes e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU/UFRJ. Paisagista (Escola de Belas Artes/UFRJ), Mestre em Arquitetura (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU/UFRJ). Doutor em Planejamento Urbano e Regional (Programa de Pós-Graduação de Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ). Líder no CNPq do Grupo de Pesquisas Paisagens Híbridas – GPPH-EBA/UFRJ, Pesquisador dos Grupos de Pesquisa História do Paisagismo – EBA/UFRJ e PROLUGAR – FAU/UFRJ.



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



A relevância da difusão de pesquisas sobre finitude da vida: aparato conceitual e metodologias

Na nota introdutória de sua obra *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*, publicada na última década do século passado, Jean-Claude Schmitt apresenta uma questão relevante para pensar o destino do homem após a morte. Evidencia a importância do imaginário da morte e destaca o papel desse ideário, considerando como este se tornou um aspecto universalmente primordial nas estruturas societárias passadas e que ainda se mantém na atualidade. Ao argumentar sobre a tensão provocada pelo desaparecimento da vida e o terror do desconhecido, imposto aos vivos quando a morte se manifesta, Schmitt afirma que os mortos têm apenas a existência que os vivos imaginam para eles (SCHMITT, 1994, p. 13), logo, os vivos estão pré-dispostos a criar e recriar simulacros de uma vida post mortem para seus defuntos e, assim, pensar em um viver no Além paralelo à sua cultura, suas crenças, sua época.

As narrativas apresentadas por Schmitt, com frequência, atribuem aos mortos uma vida no Além, com uma descrição de suas moradas e tudo aquilo que os vivos esperam para si próprios. Em outro plano, os discursos do autor são atravessados por questões amparadas na esfera religiosa, interpretadas à luz de visões metafísicas que na prática se valem de muitos elementos que habitam o cotidiano do mundo dos vivos e nunca, por óbvio, o desconhecido território dos mortos. Nas visões em parte oníricas ou geradas pelo delírio que a dor da morte e da separação são capazes de impelir ao sujeito enlutado, as tradições, dogmas, mitos, medos e assombros se fazem presentes quando os domínios da morte se manifestam e se estabelecem na vida cotidiana.

Norbert Elias, em suas reflexões sobre a velhice na obra *A solidão dos moribundos* (1982), considera o peso da passagem do tempo no corpo e reflete sobre os limites da mente para suportar as dores que o morrer decreta aos seres humanos. Elias alerta sobre o que parece óbvio, mas nem sempre, no curso da vida, revela-se como um fato a ser atestado por todos. Ao afirmar que na verdade não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos (ELIAS, 2001, p. 11), Elias constrói para o leitor uma frase simples, mas com um vigor que traduz a complexa trama de sentidos que surge a partir do ato de



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



morrer e das etapas demasiadamente enigmáticas que se manifestam post mortem naqueles que sepultaram seu semelhante e o que virá para o morto além-vida. Elias conclui que nada ainda consegue anular a partícula essencial que define a morte: a certeza da extinção do eu e a subtração do convívio com os vivos.

Com semelhante perspectiva, em Uma história social da morte (2016), Allan Kellehear situa sua análise sobre a morte e o morrer a partir de um contexto histórico, centrando a discussão em uma visão cosmopolita sobre o fim da vida humana. Kellehear defende a ideia de que a morte ao longo das últimas décadas passou a ser um assunto que necessita de resistência, que a batalha pela vida pode ser, em função dos ganhos científicos, se não vencida, ao menos estendida ao seu limite. Diante disso, o autor analisa como a tentativa das pessoas de se preparar para a morte apesar de tantos ganhos científicos ainda se mostra frustrada, distorcida e simplesmente negada na contemporaneidade (KELLEHEAR, 2016), ideia que em parte se soma às conclusões de Norbert Elias.

Ao entrecruzarmos as ideias sobre a mortalidade, o morrer, o falecimento, a ausência, a extinção, o luto e os estados fúnebres, que as obras e seus respectivos autores aqui referenciados apresentam, surgem possibilidades instigantes para entendermos a potência desses fatos e a extensão dessas ações no cotidiano da cidade, especialmente se levarmos em consideração a sua representatividade real ou mesmo fugidia na paisagem e na formação do tecido social que diariamente se depara com o espectro da morte e com os signos da tanatologia.

As ideias trazidas diante desse contexto também ajudam a interpelar as dimensões que envolvem a finitude da vida ou mesmo o desaparecimento de matéria não humana que desenha nossas paisagens e que trazem em si memórias de tempos passados, histórias de objetos inanimados, de pessoas e acontecimentos que passaram que de uma forma ou de outra ainda persistem na imagem da cidade. Tal leitura desencadeia processos das mais variadas ordens na construção do ambiente urbano, seja na esfera patrimonial, cultural e artística ou ainda naquilo que deriva das relações no plano imaterial traduzidas pelas religiosidades, afetos, solidariedade, dores, perplexidade, estranheza e temor quando o desaparecimento se instala e a vida deixa de existir.



CEMETERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



Diante deste panorama, cidade e sociedade, arte e paisagem, morte e luto surgem como elementos centrais para se compreender as relações sociais forjadas em função das suas respectivas correspondências e alinhamentos com os símbolos, os signos e os ritos que se manifestam no desenho da paisagem e, assim, reafirmam as fronteiras entre existir e não mais existir e os limites da daquilo que as nossas culturas interpretam como finitude e onde a morte de fato habita na cidade. Igualmente as culturas material e imaterial que podem ser identificadas no tecido urbano e por que não dizer no ciberespaço – considerando as dimensões que as relações com a tecnologia alcançou e, como ela atravessa de forma vigorosa o nosso viver – a partir das ideias de morte, luto, sofrimento, medo, dor, traduzidas pela arquitetura Cemiterial e os demais artefatos que dão conta da historicidade e da espacialidade da cidade quando o centro da questão a ausência de vida. Logo, a arte fúnebre, os rituais e todo o aparato utilizado para lidar com a morte, sejam eles ecos de costumes e convenções tradicionais ou modos interpretativos que se alinham a uma conduta contemporânea, atualmente mediada pela cibercultura, segue apontando para as mais diferentes maneiras de se tratar a morte e o morrer na contemporaneidade. Apesar de distintas elas aparentemente apenas atualizam uma realidade que sempre fez, e ainda acreditamos, que continuará fazendo parte do cotidiano da cidade.

Tendo em vista o recorte e a proposta do fórum Onde a morte habita?, firma-se um encontro entre diferentes campos de estudos que atravessam as artes visuais, a antropologia, a arqueologia, a geografia, a arquitetura entre outras áreas de conhecimento, tendo como pano de fundo as mentalidades delineadas a partir das manifestações que a finitude da vida deixa presente na paisagem. Diante do escopo apresentado, a proposta desses diálogos transnacionais, construídos por pesquisadores da América Latina visa estabelecer uma troca de conhecimentos abertos com a comunidade acadêmica e a sociedade em geral sobre múltiplos pontos de vista para esse tema. A perspectiva desse projeto é construir uma visão horizontal por meio da reflexão e da difusão de conhecimento que busca mais especificamente:

- a) Fomentar articulações entre pesquisadores, docentes e demais profissionais latino-americanos que transitam e dedicam suas pesquisas a esse campo temático;



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



- b) Estabelecer por meio de uma série de encontros mensais a construção de um fórum de debates com base em trabalhos de pesquisas desenvolvidos no campo de estudos da finitude da vida e suas representações sobre a paisagem;
- c) Reunir pesquisadores de Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Equador e México a partir de sessões virtuais realizadas pelo canal do Grupo de Pesquisas Paisagens Híbridas no YouTube;
- d) Ter em cada sessão três pesquisadores de cada um dos países participantes e dois mediadores para fomentar a discussão e articular questões.

O fórum está estruturado a partir de um Projeto de Extensão Universitária vinculado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro – EBA/UFRJ e ao Programa da Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU/UFRJ, sendo organizado pelo Grupo de Pesquisas Paisagens Fúnebres, grupo cadastrado no Diretório de Grupos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Importa destacar que o Projeto é coordenado pelo Prof. Dr. Rubens de Andrade, professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, docente da Escola de Belas Artes e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ-FAU/UFRJ e tem como parceiros/as pesquisadores/as latino-americanos/as, respectivamente: Profa. Verônica Meo Laos (Argentina). Prof. Dr. Diego Andrés Bernal Botero (Colômbia), Prof. Dr. Leonardo Zaldumbide Rueda (Equador), Paula Andrea Parada (Chile), Prof. Dr. Oscar Molina PalesTina (México). Importa ainda destacar que a participação de Estudantes extensionistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Nesse ínterim alguns marcadores se destacam no trabalho coletivo realizado por cada um dos sujeitos que assumiu o compromisso de discutir a finitude da vida, afinal cada indivíduo definiu um recorte temático que diz respeito a estrutura cultural de seu país para mediar a sua visão sobre a finitude da vida. Ainda que exista um aspecto universal na tomada desse debate, ainda assim, cada grupo social que aqui está representado pelos coordenadores e pesquisadores ligados aos países envolvidos revela a potência desse projeto a partir do escopo dos temas definidos para as mesas.



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



O tempo inicial desse diálogo, durou aproximadamente seis meses e foi fundamental para alinhar temas, definir recortes e pensar quais dimensões da finitude iriam ser abordadas nas sessões de debate. O exercício reflexivo do grupo de coordenadores/as desencadeou movimentos teóricos, conceituais e práticos sobre o pensar a finitude, garantindo não apenas autonomia das abordagens, mas também o desenho de uma pauta de discussões de múltiplas possibilidades, com subtemas que abriram perspectivas ainda mais instigantes para a matriz temática do fórum. Cada componente do núcleo inicial do fórum selecionou pesquisadores, artistas e professores de seus respectivos países para que pudessem se alinhar ao escopo inicial do projeto e assim, ampliar o campo de ação da discussão inicialmente proposta.

Diante de tal conjuntura definida para o fórum, foi possível criar um movimento conceitual para abordar a finitude a partir do olhar de cinco países que possuem singularidades no modo de lidar com a vida, a morte considerando as suas reverberações e representações na cidade. A proposta do fórum é ainda uma tentativa que visa a criação de uma rede de cooperação transnacional entre pesquisadores e redes de trabalho já consolidadas nos estudos da paisagem e do patrimônio sobretudo a partir de temas ligados à finitude da vida. Desse modo, interpreto que é possível acrescentar outras camadas nesse debate como também, provocar outro modo de pensarmos um tema que afeta todas as culturas.

Sobre os recortes temáticos e a dinâmica para a construção dos diálogos transnacionais

Antes de indicar como se deu a construção dos recortes temáticos, importa observar como o aspecto metodológico do fórum se estrutura. A organização e os coordenadores de cada sessão enfrentaram os desafios para lidar com um tema que em certa medida pode suscitar um certo distanciamento por parte do público potencial que poderia participar desses diálogos. Não foi ignorado que temas voltados à finitude da vida com frequência não são acolhidos com entusiasmo pela sociedade, afinal, as impressões que eles provocam nas pessoas como um todo desencadeiam o contato com questões sensíveis do viver e do morrer. Ao se colocar em discussão essa matéria, argumentar seus pressupostos e expor



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



contradições, é compreensível que se coloca em evidência a vulnerabilidade da vida e desse modo, a fragilidade de nosso ser. Logo a escolha por esta temática pode gerar desinteresse do público por essa discussão, o que em certa medida foi observado, considerando que em algumas sessões realizadas não houve uma presença significativa de participantes. Nesse sentido é um marcador importante o fato que o fórum como um todo foi divulgado em uma esfera transnacional. Fica, portanto, alguns questionamentos: Estariam as pessoas buscando um maior distanciamento de reflexões que as coloquem diante de um fato inexorável as suas vidas? O momento pós-pandêmico faz as pessoas negarem ou, buscarem distanciamento de assuntos que atravessa em alguma medida nosso morrer?

Diante de todos esses desafios, os coordenadores da cada sessão, em parceria com a organização do fórum, interpretaram que era de fundamental importância discutir a finitude a partir de parâmetros que se espelham cotidianamente no tecido urbano. Cada pesquisador considerou que são as questões do dia a dia que precisam ser contrastadas diante do que consideramos marcos da finitude da vida. Tais marcos representados na cidade, necessitam ser refletidos à luz de eventos ligados a pautas sociopolíticas, as questões de ordem econômica, aspectos religiosos ou ritualísticos. De uma forma ou de outra, eles precisam ser desnaturalizados na sua essência e pensados como registros sensíveis para compreender como a morte adquire características tão singulares na cidade contemporânea. O potencial desses atravessamentos quando questionados à luz de pesquisas sistematizadas provocar impactos socioculturais que de alguma maneira faz com que os estudos nessa área avancem.

Com essa matriz conceitual na mesa de debates, foram desenhadas as sessões com subtemas alinhados à matriz do fórum. Cada coordenador de sessão construiu um caminho discursivo peculiar para os diálogos que estava sob sua responsabilidade e nesse sentido o escopo desenhado por cada um deles, entre outros aspectos, dizia respeito a pautas cujos temas se mostram sensivelmente contemporâneos, ou seja, assuntos que atravessavam o dia a dia do contexto das paisagens latino-americanas e em particular aqueles ligados diretamente aos seus respectivos países.

Em cada sessão foram trazidas para o primeiro plano abordagens sobre os corpos fragilizados por questões de ordem política ou sobre a ausência de empatia e cuidado diante



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



de aspectos relacionados diretamente a uma ordem econômica, política e de gênero, que, de alguma forma, afeta a sociedade e pode em especial gerar a subtração de vidas. Outro elemento discursivo que adquiriu envergadura na construção das sessões refere-se ao binômio arte e finitude que, por sua vez, desencadeia indagações e gera tensões pela forma como sua representatividade se dá na cidade, seja através das evidências que podem ser encontradas nos acervos de museus e instituições culturais, seja pelo contexto que a finitude do Ser adquire visibilidade nas ruas da cidade através da arte urbana. De alguma forma, se a sociedade, em certa medida, capturasse essas formas de representação da finitude no ambiente urbano em toda a sua intensidade, acredito que isso ajudaria a entender e interpretar a potência simbólica da finitude da vida na paisagem. Outra camada que adquiriu destaque na seleção de temas do fórum diz respeito aos ecos da covid-19. A questão se mostrou relevante para se pensar o patrimônio funerário e, mais especificamente, a gestão dos cemitérios e os rituais de morte que na fase mais dura da pandemia foram alçados a outro patamar sociocultural e simbólico na cidade. Ou seja, diante desse mosaico de possibilidades temáticas que as sessões apontaram, pode-se afirmar que cada um dos coordenadores ofereceu à matriz original do fórum camadas interessantes para que fosse possível alçar voos mais altos e, assim, ter uma perspectiva ampliada do tema inicial proposto.

O estado da arte desse trabalho coletivo indicou um deslocamento considerável no debate proposto para cada sessão. Isso se deu não apenas pelo elenco de pesquisadores/as convidados/as com pelas pesquisas autorais apresentadas, sobretudo porque a discussão apontava para atravessamentos que ampliavam ainda mais o recorte proposto. Vale destacar que em cada sessão de trabalho haviam debatedores que faziam contrapontos e ofereciam provocações no formato de ponderações e perguntas que eram apresentadas aos pesquisadores convidados no sentido de redimensionar o foco das pesquisas apresentadas e assim, esgarçar ainda mais os pontos que foram colocados nas preleções.

Nessa direção, buscando oferecer na experiência discursiva um contraste ainda maior, vale dizer que os debatedores convidados eram oriundos de outros países em relação aos pesquisadores da mesa. A mesa da Colômbia, por exemplo, coordenada pelo Prof. Dr. Diego Andrés Bernal Botero teve a presença de debatedores de outros dois países, nesse



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



caso um pesquisador da Argentina e outro do Brasil. Diante da escolha que foi definida para os trabalhos, os realizadores do fórum entenderam que a diversidade de olhares seria um fator contrastante para definir a linha de força que os debates poderiam atingir ao longo de cada uma das sessões. De fato, ficou evidente ao longo do projeto que o conceito transnacional foi uma direção acertada e valiosa na construção do fórum. Vale sinalizar um outro marcador relevante que diz respeito a uma questão peculiar: o idioma. Ao longo dos trabalhos o idioma não se tornou um elemento limitador desse processo, ao contrário. O encontro das narrativas em espanhol e o português na prática, além de não gerar conflitos ou qualquer tipo de ruído significativo na condução das reflexões construídas ao longo dos trabalhos, veio a fortalecer e aproximar os participantes, indicando a real possibilidade de valorização do exercício de encontros transculturais a partir da escuta dos nossos idiomas. O acesso ao fórum se deu através do meio digital. Essa escolha foi ideal pois daria maior visibilidade para o projeto. Optar por um debate aberto pela internet na plataforma do YouTube abria um campo diverso para acessar as pesquisas que ali seriam apresentadas. Nesse sentido, as sessões de debate realizadas no canal do Grupo de Pesquisas Paisagens Híbridas (<https://www.youtube.com/@PaisagensHibridas>) aconteceram em tempo real e foram gravadas para ficarem permanentemente disponíveis ao público.

Os recortes temáticos como anteriormente sinalizados foram desenhados por cada coordenador de sessão. Os mesmos se responsabilizaram pelo convite aos participantes, entendendo como cada pesquisador/a poderia acrescentar uma camada a mais ao debate proposto. A prerrogativa considerada mediante as definições feitas previamente para o projeto focava em escolhas de nomes que primassem pela diversidade de formação. Esta era uma pauta comum aos realizadores: ter a participação de pesquisadores, docentes e profissionais formados em diferentes áreas do saber. Cada mesa contava com um conjunto de convidados que demonstrava o compromisso em abordagens alinhadas a um viés transdisciplinar e interdisciplinar, fator este que, de uma forma geral, reafirmava a definição dada a todo o escopo do projeto. Acreditamos que tal escolha foi um elemento fundamental para refletir de forma abrangente e vigorosa esse tema. A seguir apresento o Quadro 1 que mostra a organização das sessões e dos recortes temáticos que cada coordenador propôs para o fórum. No Quadro 2, exponho a construção conceitual de cada



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



coordenador. O leitor poderá perceber em ambos os quadros qual a ordem e dimensão de abordagem de cada sessão, assim como os objetivos intrínsecos da proposta de cada país que participou deste primeiro fórum.

Quadro 1 – Programa das sessões – *Onde a morte habita?*

Sessões	País	Coordenadores	Recortes temáticos
Sessão I	Argentina	Verónica Meo Laos	A morte à margem: reflexões situadas sobre morte, morrer e subalternidade
Sessão II	Chile	<i>Paula Andrea Parada</i>	A arte não vive nem morre: ela transcende
Sessão III	Equador	Leonardo Zaldumbide Rueda	Descartáveis: necropolítica, solidão e patrimônio
Sessão IV	Colômbia	Diego Andrés Bernal Botero	Vida e morte em tempos “pós-covid”: mudanças, permanências e desafios na gestão de espaços e rituais funerários
Sessão V	Brasil	Rubens de Andrade	Tempos e lugares da dor: perdas e danos, ausência e reparação
Sessão VI	México	Oscar Molina Palestina	Paisagens da morte na Cidade do México: apagamentos e fantasmagorias da necropolítica na arte urbana

Fonte: Rubens de Andrade, 2023.



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



Quadro 2a – Conceitos das sessões

Sessão I: **Argentina** – Verónica Meo Laos

O diálogo virtual que inicia a série de conversas latino-americanas *Onde a morte habita?* nos convida a refletir sobre as representações sobre a morte e o morrer a partir de sua dimensão simbólica pautada na interculturalidade, territorialidade e o subalterno. Falar de uma perspectiva subordinada implica pensar (nós) não como sujeitos passivos ou ausentes construídos a partir dos setores hegemônicos, mas como atores sociais responsáveis por mudanças sociais pouco visíveis, mas ainda significativos. Em contraste com um mundo global de fronteiras porosas, uma sociedade de fluxos transnacionais de capital-trabalho, desterritorializado e desconectado da cadeia significativa das memórias que dá sentido, propomos reterritorializar a discussão para pensar formas emergentes de construção social dos lugares e, a partir daí, refletir sobre os modos de morrer e as representações da morte a partir de uma perspectiva situada. Em outras palavras, reterritorializar a discussão sobre a morte e o morrer equivale a refletir tanto sobre as práticas quanto sobre as representações de símbolos exibidos em discursos sociais que se desenvolvem no tempo e no espaço que vão deixando rastros e moldando a identidade dos lugares e suas histórias (LAOS, 2023).

Sessão II: **Chile** – Paula Andrea Parada

É interessante se perguntar onde habita a morte? Poderíamos pensar na verdadeira existência desse oxímoro, na crença de que os termos vida e morte na mesma frase apontam para uma contradição. Porém, esse paradoxo e aparente oposição se estabelece como uma pauta de questões naturais para pesquisadores que estudam a arte cemiterial. Desvendar as origens da representação plástica na esfera fúnebre nos leva a uma viagem de descobertas. A cultura material dos espaços cemiteriais revela em primeira mão traços simbólicos da morte na nossa sociedade, como elas instalaram ao longo do tempo e como estabelecem vínculos com as práticas sociais que persistem apesar das mudanças culturais. Diante dessas dimensões surgem questões como: A interculturalidade do tempo presente é capaz de manter características fúnebres historicamente consolidadas na paisagem? Na esfera geográfica qual seria a potência dos códigos que se estabelecem nos ambientes onde a morte habita? Sob o ponto de vista da contemporaneidade como interpretar as manifestações socioespaciais que subtraem ou mantêm os símbolos da morte da cidade? Finalmente, deslocando a questão para as relações artístico-culturais, questionamos como os artistas dimensionam seu desejo oculto de transcender a partir de suas obras, no interesse de manter a sua memória viva através do tempo? São muitas e variadas as questões que podemos colocar, mas por último interessa-nos saber se o campo das artes visuais ampliado mantém a presença de traços distintivos da morte na paisagem ou se volta para outras formas de representação. As artes, seja visual, literária ou musical, costumam ser uma relevante resposta metafórica às experiências humanas, sejam elas sua idealização ou a dura e muitas vezes triste realidade. A revisão de um par de coleções plásticas descentralizadas no Chile, ou seja, pertencentes a grupos regionais do país, permite-nos alcançar um olhar diferenciado, iniciando assim uma jornada fora do centro do poder cultural e da construção da identidade local. Nesse sentido, a proposta dessa mesa apresentará questões relacionadas à coleção da Pinacoteca da Universidade de Concepción, bem como a coleção do Museu O'Higiniano e Belas Artes Localizada em Talca, ambas nas proximidades de Santiago. Do primeiro museu, uma obra pictórica, do segundo, um objeto. Os dois artefatos não vivem nem morrem, mas buscam a transcendência. Além disso, a resenha da “Lira Popular” pode nos aproximar um pouco mais da origem dessa mesma identidade, sendo algumas folhas impressas do final do século XIX e início do século XX, que refletiam acontecimentos nacionais e eram divulgadas por meio da recitação, o que denominamos de “eu canto ao humano e ao divino” nas novenas e velórios. A partir desses marcadores, possamos talvez descobrir como a morte e o morrer vivem no intrincado mundo do indivíduo, sobrevivendo até hoje graças à permanência em nosso inconsciente coletivo dessas manifestações e características distintivas do funeral (PARADA, 2023).

Fonte: Rubens de Andrade, 2023.



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



Quadro 2b – Conceitos das sessões

Sessão III: **Ecuador** – Leonardo Zaldumbide Rueda

Michel Foucault, na década de 1970 do século XX, delineou sua concepção da biopolítica como um andaime teórico para compreender o sofisticado desenvolvimento do capitalismo no final do milênio. O desgastado aparato conceitual foucaultiano ajudou a compreender o exercício do poder e a gestão da vida e da morte como objetos políticos que, historicamente, responderam às necessidades dos grupos dominantes. Paradoxalmente, o próprio Foucault, ao morrer vítima de complicações da AIDS em 1984, apareceu inserido no sistema que havia descrito duramente. Seu próprio corpo, atravessado pelas relações de poder que irradiam capilares, foi disputado por argumentos relacionados à moral, à fé, ao castigo divino ou às políticas de saúde que começaram a ser tecidas sobre ele. À luz dos argumentos desenvolvidos por Foucault, podem-se vislumbrar sinuosidades ainda mais profundas, pois diante da gestão política da vida, podemos perguntar: Que vidas são geridas? Quais vidas importam? As primeiras décadas do século XXI motivaram novas reflexões sobre este debate; Esposito foi além ao desenvolver o conceito de imunidade contra possíveis respostas da comunidade, ou seja, maneiras pelas quais certas esferas de gerenciamento de poder nos separam de outros seres humanos “indesejáveis”. Mbembe foi mais além e sugeriu que, nas margens do sistema, não apenas a vida dos indivíduos é decidida politicamente, mas também o destino daqueles que dificultar. Nesta tabela vamos explorar as possibilidades explicativas dessas reflexões teóricas no caso equatoriano; país historicamente construído sobre padrões de discriminação étnica, caracterizada por um estado de ineficácia e com grupos de poder distantes da realidade das grandes massas populacionais. Metodologicamente extrapolamos a noção de necropolítica para vidas descartáveis; que perdem diante de planos de investimento político refletidos em noções estruturais de patrimônio, rentabilidade econômica ou lucro privado. Nessas condições, muitas viagens vitais terminam em condições de desamparo, violência social e solidão. O objetivo desta tabela será trazer essas disputas para casos que contribuam para evidenciar as condições desse abandono (RUEDA, 2023).



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



Sessão IV: Colômbia – Diego Andrés Bernal Botero

Embora a morte seja uma certeza que assumimos desde cedo, não é por ser natural e cotidiana que a morte de um ser humano deixa de ser um evento transcendental, como afirma Louis-Vincent Thomas em seu clássico texto *Antropologia da Morte*: (...) *Mas embora alguns animais consigam construir algumas ferramentas e estruturar algum tipo de linguagem, podemos dizer que o homem é o único animal que enterra seus mortos* (THOMAS, 1983, p. 31). É precisamente esta atitude, a de enterrar os seus mortos (que nos tempos modernos se tornou mais complexa com as opções de cremação, doação de órgãos e mesmo o desejo expresso de alguns indivíduos de “deixar os seus corpos” à ciência), que faz com que a morte e o cadáver se tornem um foco de atenções por parte de uma comunidade perante a perda de um dos seus membros, o que, por sua vez, a transforma num ato social, e os cemitérios em espaços de memórias coletivas. É por isso que a análise social da morte, com força crescente, leva-nos a produzir diálogos interdisciplinares onde é possível estabelecer reflexões sobre a própria vida e a mortalidade, sobretudo considerando o fato da pandemia da covid-19 ter levado a humanidade a estados de ansiedade e o medo do contágio. Tais questões se transformaram em agendas vitais em nosso cotidiano. Essas circunstâncias têm nos levado a pensar sobre esses fatos sociais circunscritos a uma realidade, que exige de todas análises que ofereçam explicações sobre o significado das representações sociais, históricas e culturais relativas ao contexto funerário, além, é claro, das dinâmicas que se criam em torno dos espaços destinados ao acolhimento dos corpos, como cemitérios e outros locais ligados à morte em nossos territórios. Os trabalhos apresentados nesta ocasião serão a continuação simbólica dos diálogos iniciados nas sessões de Memória-pedagogia, saberes históricos e mesas de afazeres funerários que decorreram no âmbito do V Mostra de História Regional do Capítulo de Antioquia da Associação Colombiana de Historiadores (2014), organizado no âmbito do II Simpósio Internacional de Ciências Sociais (SICSO 2019), convocado sob o título *Do esquecimento à reconciliação: rituais e espaços da morte como fonte e cenário de memória e reivindicação social*, relativo à Mesa Doença, morte e do patrimônio funerário que se reuniu no XX Congresso Colombiano de História (2022) e no I e II Encontro Colombiano de Patrimônio Funerário (MANIZALES, 2021; BARRANQUILLA, 2022). Diálogos que se aprofundam e se entrelaçam em meio a espaços onde não apenas habita a morte, mas também lembra a nós, que continuamos a habitar o plano terrestre, que a vida é finita (BOTERO, 2023).

Fonte: Rubens de Andrade, 2023.



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



Quadro 2c– Conceito das sessões

Sessão V: **Brasil** – Rubens de Andrade

A partir de três recortes temáticos, a sessão Tempos e lugares da dor: perdas e danos, ausências e reparação propõe reflexões sobre manifestações da finitude da vida considerando, em especial, aspectos relacionados ao exercício da memória, à ideia de aniquilamento do ser e às singularidades que operam no insólito território de um tempo atravessado pelos domínios da morte. Analisar cada uma dessas camadas é uma tentativa de dimensionar a intensidade dos processos que se estabelecem a partir do desmoronamento da vida diante da intolerável dor deixada pelas evidências absolutas da morte e do não mais existir. Daquilo que está associado ao fim de todas as coisas interessa garantir nesse debate a produção de narrativas, a construção de itinerários, a exposição de argumentações e contra-argumentações que avançam sobre temas relacionados à morte e ao morrer, ao sofrimento, aos aspectos fúnebres que são deflagrados no cotidiano da paisagem. Os desenlaces podem se propagar através das tradições culturais manifestadas na monotonia relativa ao jugo dos rituais que ao mesmo tempo consolam, mas simultaneamente atribulam o nosso ser. Esses desenlaces podem ainda evocar formas e adquirir materialidades ao compor paisagens despedaçadas, ruas mudas forjadas de uma inconveniente esperança turva que as habita e produz lugares de desencanto. No último caso, em particular, essas materialidades se acumulam em espaços do patrimônio construído – cemitérios, monumentos in memoriam, esculturas de um vulto da história – ou são resultado de vestígios que a dor dos flagelos deposita por onde se manifesta. Seja qual for a dimensão, tudo exprime ausência, desalento, pesar, debilidade, caos diante da vida. O infortúnio de um acidente ou o imponderável gerado por forças da natureza subtrai, cada um ao seu modo, fragmentos da história local. Entre os enfoques tratados, o autoritarismo político na América Latina, gerado por golpes militares, emerge como um dos componentes centrais do debate. Nele, os referenciais ligados à perda de vidas através da violência política, somados aos dispositivos que nas últimas décadas surgiram para reivindicar algum tipo de reparação desse momento de violência e luto – como os museus e memoriais –, são chaves de leitura que propiciam vislumbrar a extensão do drama morte-morrer e a duração do exercício da memória da dor de um período da história que deixou profundas cicatrizes na sociedade latino-americana. A pauta relacionada ao aniquilamento niilista surge da necessidade de refletir sobre as ruínas e escombros potencializados pelo signo do imponderável que se abrigam nas tragédias. A mortalha dos flagelos existenciais e das perdas patrimoniais, aparentemente, aponta para o discernimento do “como” e do “quando” o desaparecimento de marcos patrimoniais da paisagem e da própria fragilidade do ciclo da vida são essenciais para compreendermos o alcance da memória do desastre e, em alguma instância, ressignificar a história dos lugares que habitamos. Para pensar tempo *versus* morte, Aion surge como uma matriz conceitual que desloca as discussões para as tensões e afetações que surgem a partir do Devir-morte. O tempo de Aion é um oposto complementar a Cronos. É um tempo qualitativo, sentido por cada indivíduo de forma particular. Uma experiência que mescla diferentes temporalidades e diz respeito às manifestações também incorporais de um tempo sem duração, indeterminado e, a uma só vez, prolongado como além-duração, com início mas sem fim. Nas experimentações do Devir-morte, o eterno surge como companheiro em uma jornada na qual as cenas projetadas a partir desse encontro incitam a refletir sobre a (não)efemeridade de todas as coisas. No plano das materialidades e nos enlances celebrados em vida, nada de fato é eterno, tudo de alguma forma será corrompido e está fadado a se desfazer, a se tornar pó. Como incorpóreo, faz-se sempre presente. Talvez o Devir-morte seja uma parte da existência que pode justificar as tradições fúnebres, o apelo aos rituais, elevando-os a um patamar de significativa importância enquanto invenções para lidar com a finitude da vida, preservar a memória e a identidade dos indivíduos e das comunidades, e ainda uma forma de consolação. Também pode o Devir-morte justificar sociedades nas quais tais tradições e ritos são reduzidos, porque a morte já está dada e celebrada no próprio devir. Diante de cada uma dessas camadas, o que provoca a reflexão diz respeito a como todos esses processos estão associados e como, de uma forma ou de outra, eles se transmutam em forças simbólicas, indicando, assim, a transitoriedade que se manifesta na esfera das abstrações. Em certa medida, tais referenciais oferecem ao nosso viver representatividades de mundos que tornam mais significativa e menos assustadora a ideia de nosso próprio fim. Tais visualidades trazem em si uma pedagogia para compreender o valor da vida e, por extensão, assegurar um caminho pacificado para se pensar o *post mortem* (RUBENS, 2023).

Fonte: Rubens de Andrade, 2023.

Quadro 2d – Conceito das sessões

Sessão V: México – Oscar Molina Palestina

Desde o início do deslocamento do lugar dos mortos na paisagem ocidental no final do século XVIII, levando-os do centro para as margens, a ideia de morte foi gradualmente sendo subtraída do imaginário coletivo. Esse processo teve um significativo alcance e gerou uma cultura de ocultação da morte, na qual seus símbolos e significados são transmutados, quando não totalmente eliminados. Nesse sentido, a relação do México com a morte apresenta uma visão ambígua de como se pensa e representa a finitude da vida. Se pensarmos na construção cultural da ideia de morte, desde o México pré-hispânico até as reflexões de Octavio Paz em seu *Labirinto da Solidão*, encontraremos uma estetização do conceito e da forma da morte entre os mexicanos, que se apresenta como um colega amável e destino inevitável. Sob essa premissa, foram construídas imagens que, baseadas no folclore, mostram um rosto amigável que vai desde as representações de José Guadalupe Posada até as imagens mais contemporâneas de rostos maquiados que lembram uma caveira estilizada. Esses rostos acompanhados de flores e elementos multicoloridos marcaram presença em algumas ruas e avenidas da capital mexicana através de uma arte urbana cada vez mais constante. Essa ideia de morte é parte central das políticas culturais e ocupa lugares de destaque na paisagem urbana. Diante dessa realidade folclórica, encontramos outras manifestações que sem nomear ou representar fisicamente a morte dão conta dela por meio de números, letras ou cartazes com os rostos dos desaparecidos. São os anti-monumentos que tomam conta do espaço público dando voz a quem não encontra justiça nem paz perante a morte ou a ausência. Estas presenças procuram também ganhar espaço nas artérias relevantes da cidade, centrando espacialmente o debate. Desta forma, o folclore e a denúncia social se voltaram à morte no centro da paisagem urbana mexicana do século XXI. No fórum, propõe-se a refletir sobre esses elementos que irromperam na cidade, seja sob a proteção do governo ou como resposta a ele pelos cidadãos, revelando a multiplicidade de presenças que a morte tem na metrópole. A discussão decorrerá com alguns dos criadores das obras artísticas e participantes, acadêmicos e gestores institucionais do espaço urbano, refletindo sobre como se dá este fenômeno, qual a recreação da sociedade, entre outras questões (PALESTNA, 2023).

Fonte: Rubens de Andrade, 2023.

Notas sobre as sessões temáticas: ganhos e devolutivas

Ao longo das seis sessões do fórum, foi possível observar uma variedade de abordagens e perspectivas sobre o tema da morte e sua relação com a vida desde a análise de conceitos como arte fúnebre, luto coletivo, morte social, patrimônio, suicídio, necropolítica até reflexões sobre a presença da morte no espaço urbano e suas representações através de rituais e memoriais. Os estudos apresentados trouxeram contribuições significativas para a compreensão dessa temática. Além disso, as teorias discutidas no fórum permitiram uma reflexão crítica sobre a metodologia de trabalho nesse campo de estudos. As diferentes abordagens apresentadas pelos pesquisadores, provenientes de diferentes países, revelaram



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



a importância do diálogo interdisciplinar e da diversidade de perspectivas para a construção de uma visão abrangente e profunda sobre a finitude da vida.

Ressaltamos que, embora em alguns momentos haja um arrefecimento do interesse nos estudos ligados à morte, a forma e o conteúdo apresentados no fórum reafirmam a centralidade desse tema na construção do espaço urbano. A interligação entre morte e vida ficou evidente nas apresentações de cada pesquisador/a e nas distintas fases nos debates que se seguiram, demonstrando que tais elementos estão intrinsecamente ligados e influenciam a sociedade de maneiras diversas.

O fórum teve a participação de 18 pesquisadores e 12 debatedores. Ao final tivemos a colaboração de seis países latino-americanos, e uma debatedora convidada oriunda da Bolívia. Nos quadros a seguir apresento um panorama que definiu essas participações. O Quadro 3 apresenta o elenco de convidados das preleções e o Quadro 4, indica os mediadores de cada sessão e suas respectivas nacionalidades.

Quadro 3 – Pesquisadores convidados do Fórum *Onde a morte habita?*

Convidado		País	Sessão
1	Agustina Padula	Argentina	Sessão I
2	Santiago S. Credón		
3	Ana Brito Castro		
4	Samuel Queiroga	Chile	Sessão II
5	Pablo Cayuqueo		
6	Gonzalo Olmedo		
7	Abel Ramirez Guerrero	Equador	Sessão III
8	Daniel Rivero Abuja		
9	Elisa Sinchi		
10	Astrid Ximena P. Delgado	Colômbia	Sessão IV
11	David Esteban M. Castaño		
12	Lina Maria G. Restrepo		



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



13	Igor Dias	Brasil	Sessão V
14	Leonardo Oliveira Muniz da Silva		
15	Rafael Cardoso		
16	Cristina Híjar González	México	Sessão VI
17	Miguel Angel Junco Mendez		
18	Daniel Martínez Carrillo Persak		

Fonte: Rubens de Andrade, 2023.

Quadro 4 – Mediadores convidados do Fórum *Onde a morte habita?*

Mediadores		País do Mediador	País da Sessão	Sessão
1	Esdras Arraes	Brasil	Argentina	Sessão I
2	Meliza Hernández Mondragón	Colombia		
3	Marcelo Rocha	Brasil	Chile	Sessão II
4	Paulo Henrique Duarte Feitoza	Brasil		
5	Mónica Giedelmann Reyes	Bolívia	Equador	Sessão III
6	Priscilla Peixoto Alves	Brasil		
7	André Bazzanella	Argentina	Colômbia	Sessão IV
8	Luis Noel Dulout	Brasil		
9	Catalina Pérez Meléndez	México	Brasil	Sessão V
10	Cristiane Rose de Siqueira Duarte	Brasil		
11	Aldones Nino	Brasil/Espanha	México	Sessão VI
12	Getsemaní Guevara Romero	México		

Fonte: Rubens de Andrade, 2023.



CEMENTERIO
GENERAL DE CONCEPCIÓN
BICENTENARIO 1823 - 2023



As Figuras 1, 2, 3 e 4, destaco parte do material que foi produzido para divulgação do fórum nas mídias sociais. Interpreto que a dinâmica que o projeto adquiriu fortalece a estrutura desse campo de conhecimento e permite uma diversidade de troca e experiências relativas a conceitos e metodologias, enriquecendo o debate e apontando ganhos substanciais no entendimento da relação entre a morte e a vida. Dessa forma, é válido destacar a relevância das devolutivas e do fórum como um todo para a continuidade dos estudos sobre a finitude da vida. Esses espaços abertos de discussão e reflexão a meu ver se torna valiosos para a comunidade acadêmica interessada no tema, bem como para a sociedade como um todo, contribuindo para uma compreensão mais holística da existência e da morte.



Figura 1: Material de divulgação da Sessão I
Fonte: Arte Rubens de Andrade, 2023.



Figura 2: Material de divulgação da Sessão II
Fonte: Arte Rubens de Andrade, 2023.



Figura 3: Material de divulgação da Sessão III
 Fonte: Arte Rubens de Andrade, 2023.



Figura 4: Material de divulgação da Sessão IV
 Fonte: Arte Rubens de Andrade, 2023.



Considerações finais

O fórum em sua primeira edição estabeleceu uma plataforma de diálogos transnacionais profícuos a partir de diferentes esferas de abordagens. Os debates evidenciados em cada sessão foram pautados por um conteúdo promissor para futuros encontros que busquem aprofundar o estudo de temas associados à finitude da vida. Os pesquisadores além de ter a oportunidade de compartilharem suas pesquisas, conceitos formulados e reflexões sobre o assunto, ofereceram caminhos para pensar as numerosas dimensões da representação da finitude da vida na paisagem latino-americana. Em cada uma das sessões foi possível constatar a abertura de um espaço de diálogo transnacional para compartilhar realidades distintas sobre um assunto que foi apresentado a partir da visão de distintas culturas, fato este que permitiu compreender o tamanho do desafio que esse campo específico de estudo reserva. Além disso, o fórum proporcionou um ambiente pedagógico para *networking* e colaboração entre os pesquisadores. Através das trocas de experiências, foi possível estabelecer parcerias e gerar iniciativas conjuntas que podem contribuir para o avanço do conhecimento nessa área. Logo, a continuidade desse estudo é essencial para a compreensão da morte e suas representações na paisagem latino-americana. Deve também ser destacado que através das discussões e das pesquisas apresentadas foi possível ampliar o conhecimento sobre as diferentes concepções de morte, os rituais funerários, as manifestações artísticas relacionadas a esse tema, entre outros aspectos. Dessa forma, acreditamos que o fórum tem o potencial de se tornar um espaço vital para a promoção do diálogo e a troca de conhecimentos entre os pesquisadores dos países envolvidos à luz desse recorte temático.



Bibliografía

- ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HAN, Byung-Chul. Morte e alteridade. Petrópolis: Vozes, 2020.
- KHLLERHEAR, Allan. Uma história social do morrer. São Paulo: UNESP, 2007.
- LAVELLE, Louis. O mal e o sofrimento. São Paulo: É Realizações, 2014.
- LAUWERS, Michel. O nascimento do Cemitério. São Paulo: UNICAMP, 2015.
- VOVELLE, Michel. As almas do purgatório ou o trabalho de luto. São Paulo: UNESP, 2011.